

Brasil cresce dependente do exterior

A economia atingiu o patamar mais elevado de necessidade de financiamento com capital estrangeiro desde 2006, último ano em que houve sobra para o país investir com dinheiro próprio

Fernanda Nunes

fernanda.nunes@brasileconomico.com.br

Aline Salgado

aline.salgado@brasileconomico.com.br

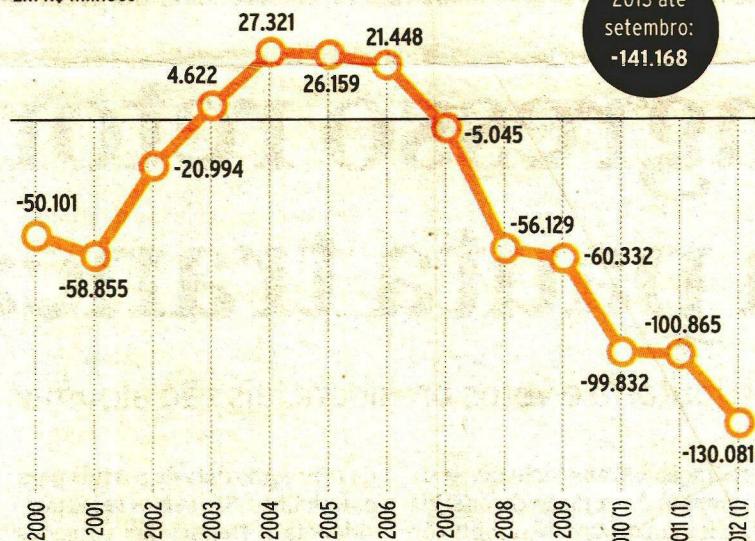
O Brasil acordou ontem inusitadamente atrelado a economias, à primeira vista, distintas da sua e sob o risco de ingressar em um redemoinho internacional de alta das taxas básicas dos juros — iniciado por volta da zero hora de Brasília, na Turquia, a mais de dez mil quilômetros de distância. Com o título de “frágil”, utilizado por analistas estrangeiros para definir os países emergentes, pesa sobre o país não só um passado recente de instabilidade, como uma necessidade de financiamento em patamares elevados, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Foram R\$ 130 bilhões no período de janeiro a setembro de 2013, ainda sem as estatísticas do quarto trimestre, que serão divulgadas somente em março. Esse é o pior resultado desde 2006, último ano em que o país apresentou capacidade de financiamento, de R\$ 21,4 bilhões (diferença entre receitas e gastos, incluindo as transações com outros países, que resulta em sobra de dinheiro).

Desde então, aumentou o consumo pelas famílias de produtos importados e o número de viagens ao exterior, sinais de um crescimento financiado pelo capital externo, numa dependência que cresce ano a ano, alcançando seu maior nível em 2013. A associação desse cenário interno a um ambiente internacional mais turbulento tem repercussões ainda não tão claras por aqui.

Ontem, foi a vez de a África do Sul elevar suas taxas após quase seis anos de estabilidade (veja ao lado). O susto maior, entretanto, ocorreu na terça, na Turquia, onde o presidente da autoridade monetária, Erdem Basci, surpreendeu o

NECESSIDADE DE FINANCIAMENTO

Em R\$ milhões



Fonte: IBGE

(I) Resultados preliminares obtidos a partir das Contas Nacionais Trimestrais, 2010

mundo com a decisão de disparar os juros de 7,75% ao ano para 12%. A Índia foi mais comedida, mas, assim como os outros dois emergentes, optou pelo aumento, de 0,25 ponto percentual, para 8%. O pano de fundo é o receio de que o fim do programa expansionista dos Estados Unidos resulte numa fuga expressiva dos investidores e na consequente desvalorização das moedas dos emergentes — favorecidas no período de crise nos Estados Unidos e na Europa e de boom das commodities, principal pauta de exportação desse grupo.

No Brasil, economistas questionam a homogeneidade dos “emergentes frágeis”. Em jogo está a capacidade de dar continuidade à atração de capital estrangeiro e levar adiante desafios de infraestrutura.

“O Brasil continua sendo um dos principais países do mundo em investimento estrangeiro”, contesta José Tavares Araújo Júnior, diretor do Centro de Estudos de Integração e

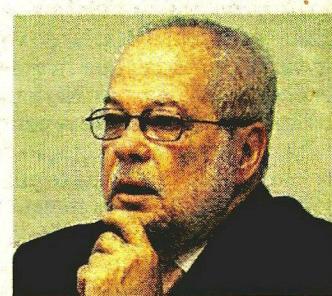
A Turquia mexeu com o mercado ao elevar os juros de 7,75% ao ano para 12%



“

O modelo brasileiro de crescimento baseado no consumo está chegando ao limite e não está sendo fácil para o governo passar para o modelo de investimento”

Lia Valls
Professora da FGV e da Uerj

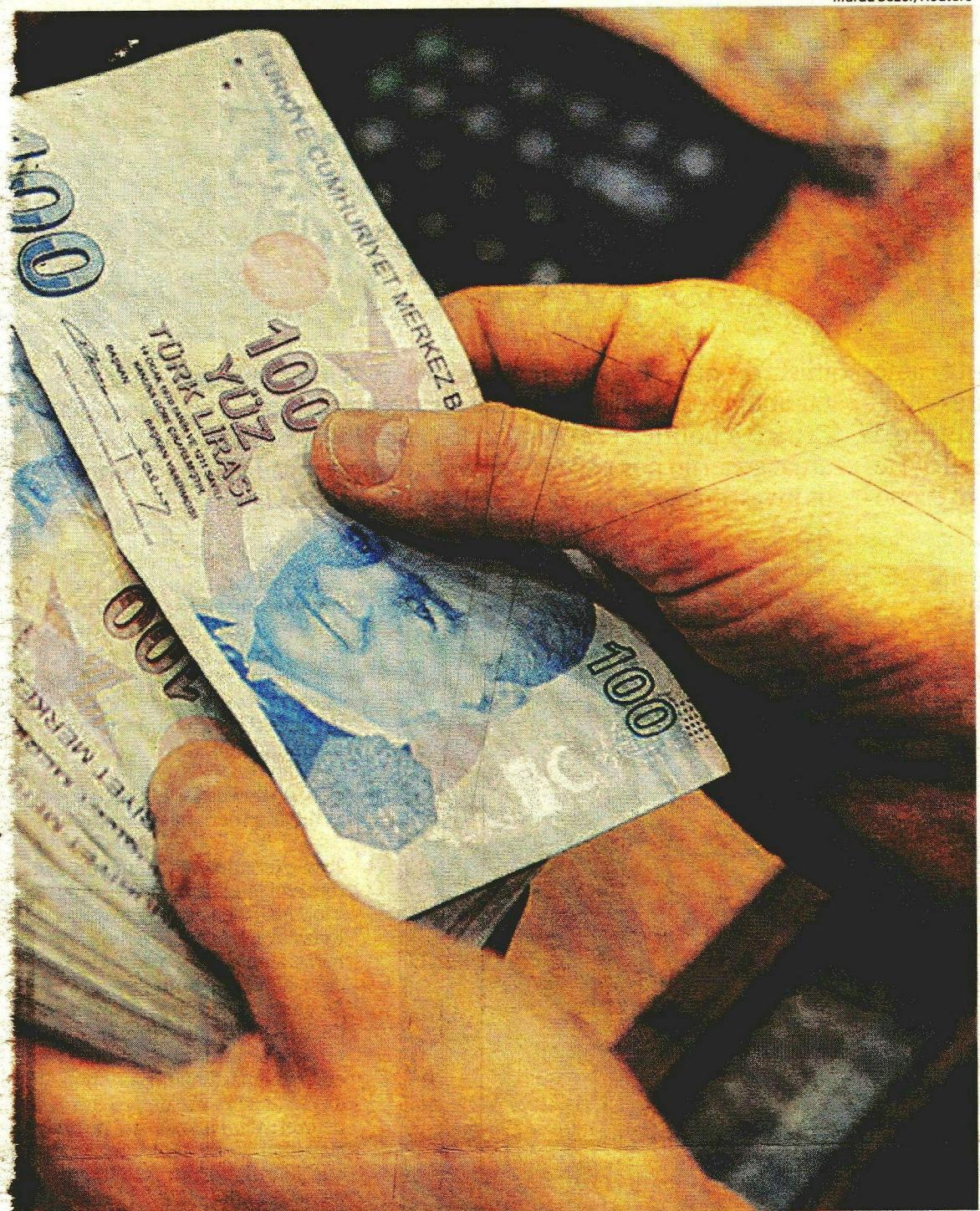


“

Não compartilho com essa visão de reunir grupos de países e colocar todos em um mesmo saco. Antes, a moda era juntar toda a América Latina como se fosse uma unidade”

José Tavares Araújo Jr.
Diretor do Cindes

Maurício Fregonesi Júnior
Especialista tributário



Desenvolvimento (Cides), especializado em mercado internacional. "Há oportunidades, desde que o governo demonstre solidez, com regras firmes para os investimentos. O Brasil ainda é visto como um país seguro", diz a professora da Uerj e do Ibre/FGV, da área de economia mundial, Lia Valls.

Para Maucir Fregonesi, sócio do escritório Siqueira Castro Advogados, as recentes turbulências podem levar à alta da Selic. "A verdade é que a inflação no Brasil continua alta e vem estando fora do controle há algum tempo", ressalta.

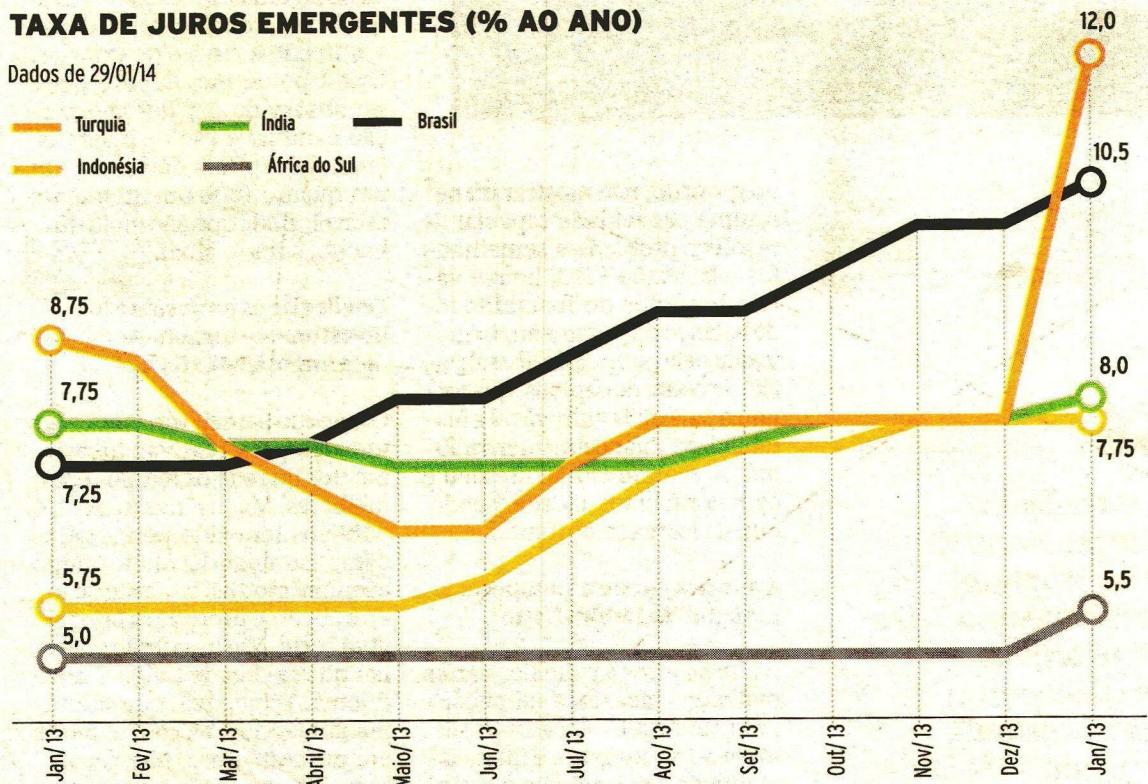
Para o diretor do Cides, no entanto, não faz sentido a inclusão do Brasil em um grupo supostamente homogêneo, o dos emergentes. Em sua opinião, os investidores costumam avaliar os países segundo suas variáveis macroeconômicas, como a relativa ao mercado de trabalho: "No máximo, os investidores analisam grupos reunidos por um acordo comercial, como o Mercosul".

O estabelecimento de metas difíceis de serem cumpridas — principalmente de inflação e superávit primário — dão, sim, margem para que os estrangeiros duvidem da atratividade brasileira, segundo Lia Valls. Ainda assim, o Brasil estaria mais associado à China, por exemplo, onde também há a necessidade de investimento em infraestrutura, do que à Turquia. Ontem, o premiê chinês Li Keqiang anunciou que irá levar adiante amplas reformas neste ano e sustentar o crescimento da economia, de acordo com a agência de notícias Xinhua. **com Reuters**

TAXA DE JUROS EMERGENTES (% AO ANO)

Dados de 29/01/14

— Turquia	— Índia	— Brasil
— Indonésia	— África do Sul	



Fonte: bancos centrais



“

O investidor estrangeiro de longo prazo não deve se afastar do Brasil. O que o afeta não é o movimento especulativo e sim questões ligadas à nossa governança”

Paulo Di Blasi
Prof. Finanças Internacionais